

UMA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA SOBRE A PERTINÊNCIA DO OBJETO BRASIL

- Como pensar o Brasil hoje é uma questão epistemológica que obriga uma reflexão sobre a arquitetura do saber científico que veio se estruturando desde meados do século XIX;
- Essa arquitetura consagrada está naturalizada, e os participantes dos segmentos definidos não cultivam o hábito de reflexão constante sobre o estado geral dos saberes científicos;
- O modelo de cientificidade origina-se as ciências da natureza que procuram a objetividade com base na experimentação, observação, análise, mensuração e explicação;
- O comum “colonizar” as ciências sociais (ou humanas? ou humanidades?) com esse modelo de cientificidade; ou então investir um pouco na especificidade do social, mas com uma hesitação que desconfia da legitimidade desse proceder;
- Assim segue o conhecimento marcado por posturas naturalizadas e com a reflexão “terceirizada” para a filosofia, como se a teoria do conhecimento científico não fosse também objeto dos próprios cientistas;
- Voltemos ao “objeto” Brasil! Trata-se de uma realidade complexa, algo difícil de ser apreendido pelo método analítico. Os chamados intérpretes do Brasil, autores da era pré-universitária, apresentaram visões de conjunto do Brasil e para isso não usaram o método analítico, algo “automatizado” na organização contemporânea das ciências.
- Duas consequências sobre a eventual pertinência do objeto Brasil decorrem: 1. Na arquitetura atual dos saberes “visões de conjunto” do Brasil (ou de países, ou de objetos “totalizantes” se inviabilizaram); 2. Tentativas de apresentar uma “visão de conjunto” do Brasil, ficaram sem respaldo epistemológico, sem reflexão de como se fazer;
- Nesse quadro, pode-se admitir “brilhantes” as obras dos “intérpretes clássicos” do Brasil, mas ao mesmo tempo como um fechamento de um ciclo do saber que era afinal de contas carente da cientificidade necessária para participar da arquitetura do saber consagrada;
- Para “salvar” os intérpretes do Brasil é comum discipliná-los, classificando suas obras com etiquetas que elas não tinham. Exemplos: definir Raízes do Brasil e A formação do Brasil contemporâneo como obras de história; Casa Grande e Senzala como de Antropologia; Os Donos do Poder – A formação do patronato político brasileiro como obra de Direito etc. Isso porque nessas interpretações haviam ênfases capturadas contemporaneamente como objetos de estudos de disciplinas específicas atuais;
- Com a ascensão do sistema universitário e a arquitetura de saberes que ele trazia os “objetos mais abrangentes”, tratados ensaisticamente, saem de moda. A nova arquitetura científica institui um conjunto de objetos de estudos que são objetos que se produzem isolando segmentos de uma realidade mais ampla. O modo como esses segmentos são isolados, recortados, separados e identificados não é indiferente ao que vai resultar nas pesquisas;
- Será melhor admitir a inviabilidade de pensar-se o Brasil? O caminho seria a interdisciplinaridade? Mas, esta é depreciada por falta de rigor, por tentar diálogos entre áreas incompatíveis quanto aos seus objetos, suas metodologias e suas linguagens.